



IAKODADI.

C. M. L.
 GABINETE
 DE REPRODUCIDOS
 OLISIPIENSES

HAKODADI, SIMODA.

Apresentamos hoje as perspectivas de Hakodadi e Simoda, portos abertos agora ao commercio europeu, no Japão.

Seculos já vão passados desde que nós os portuguezes abrimos relações com aquella região. Annos se volveram depois, em que não só o nome portuguez ali foi esquecido, como também o tratado entre a Europa civilisada então e uma d'aquellas partes do mundo que mais proxima esteve, nos primitivos tempos, da illustração, de que a Asia foi berço. Quem pode assignar, hoje a cada uma das sciencias, que de dia para dia se nos revelam, o logar que já occuparam nas eras immediatas ao cataclysmo que transtornou a superficie do globo? Quem poderá dizer n'estes annos que vão correndo, que o vapor e a electricidade foram ignorados por aquelles que nos primitivos tempos ergueram maravilhas, quaes a arte humana, no progresso em que caminha, ainda não rastejou? Ninguem. E' da sorte dos imperios estas decadencias, e este erguer; é do andar do tempo estas alternativas, que ou regeneram as nações, ou as somem para sempre no mais completo olvido. Quem diria de Pompeia e Herculano que, ao cabo de seculos sepultadas sob as lavas de um volcão, haviam surgir, nos fins do seculo XVIII e começo do XIX, com os seus monumentos, as suas raridades artisticas, os seus documentos de vida intima, á luz do sol? Quem diria que ignoradas, e esquecidas no somno da morte, resuscitariam á vida?

Convidou-nos a estas considerações o pensamento do que fomos no Japão, e o que poderemos ainda ser em tão remoto clima. Se descuidada pereceu ahi connosco a influencia europea, não é para celebrar tão pomposamente hoje, como feito nunca feito, a franquia de tres portos onde a Europa já havia dominado pela influencia portugueza. Se duas grandes potencias da região que habitamos — a França e a Inglaterra — com a outra que em competencia quer arrancar a palma industrial e scientifica ao velho continente — fallamos dos Estados-Unidos — se ensoberbecem hoje do seu tratado, temos entre nós, de velhas eras, escriptores que não deixam em duvida o que fomos no Japão. Appellamos para o testemunho de Fernão Mendes Pinto.

O ENXOVAL DA INFANTA D. BEATRIZ,
DUQUEZA DE SABOYA.

Continuação.

Pecas diferentes.

Um pente guarnecido de oiro e perolas, esmaltado de roxecre e verde; tem dez perolas e mais dois rubins; avaliado em quarenta e quatro mil réis.

Um carro de escrevaninha, feição de agulhei-

ro, que tem dentro cinco peças, e mais um sinete: pesou duas onças, e seis oitavas, avaliado em nove mil e duzentos réis.

Um barril de oiro, pequeno, com uns fogos de roxecre, e uns arcos de branco; o qual pesou uma onça, cinco oitavas, e dois tomis.

Outro barril de oiro, feição de pipa, esmaltado de côres, com quatro cadeiasinhas na aza, e tem por tapadoira um sinete com a divisa das maravilhas: pesou duas onças, duas oitavas, e dois tomis.

Um gomil de oiro, pequeno, esmaltado de côres, com duas bocças de serpe, com sua aza, e sem tapadoira: pesou uma onça, uma oitava, e doze grãos.

Um barril de azeviche guarnecido de oiro no bocal,ilhargas, bojo, e aza, esmaltado de roxecre; avaliado em dois mil réis.

Um gomil de oiro esmaltado de côres, com um grão de almiscar no meio: pesou seis oitavas e meia.

Um barril de raiz d'aljofar, encastado em oiro, esmaltado de roxecre, com duas azas de que pendem tres cadeiasinhas, e com sua tapadoira: pesou uma onça, e doze grãos.

Um pevitiro de oiro, ehão, com sua tapadoira: pesou onze cruzados e vinte e um grãos.

Tres taboletas de oiro, duas com letras, e a outra com uma Nossa Senhora, e outras imagens: pesaram todas tres oitavas, e vinte e um grãos.

Uma escudella de oiro, de duas orelhas, esmaltada de côres em partes: pesou tres onças, uma oitava, e vinte e quatro grãos.

Um castiçal de palmatoria de oiro, esmaltado de côres, com uns olhos abertos pela borda, com seu cano no meio: pesou cinco onças, e cinco oitavas e meia.

Dez guarniõesinhas de oiro, a saber: fivela com suas charneiras, biqueiras, e com um tachão cada uma das ditas guarniões, as quaes são esmaltadas de branco e preto: pesaram quatro onças, cinco oitavas e meia, e seis grãos.

Um espertador de cabellos, de oiro, esmaltado de côres, com um menino em cima, que tem um pau na mão esmaltado de verde, com que quer dar em um bicho: pesa uma onça, seis oitavas, e vinte e oito grãos.

Trinta e dois colchetes macha-femeas, de oiro, e trinta e duas argolinhas redondas: pesou tudo duas onças, duas oitavas e meia, e oito grãos.

Duzentos canudos de oiro, metade lizos, e a outra metade esmaltados de preto e branco: pesaram todos uma onça, sete oitavas e meia, e vinte e tres grãos.

Um tachim de coiro verde, forrado de velludo preto, guarnecido de oiro, o qual tem no meio uma coroneta esmaltada, e fecha-se com uma aldravinha, que está em uma peça esmaltada, e tem dentro duas caixas compridas e uma quadrada, cortadas de buril, e dentro, em uma das compridas, um dódal e um relógio de duas metades, as quaes peças são todas de oiro fino, e

pesaram sete onças, tres oitavas, e quatro tomis. O tachim com o coiro e velludo, sem uma fita que tem, pesou um marco, e uma oitava e meia.

Um meio homem de perola, encastado em oiro, que tem na cabeça um elmo e umas pennas de oiro, e uma espada detraz, e um escudo a parte esquerda com um diamante de ponta no meio d'elle, tudo esmaltado de côres, e tem mais dezeseite grãos por pendentés : pesou sete oitavas, e vinte e seis grãos.

Dois castiças de oiro, como de altar, de pivetes esmaltados, e abertos de lima, com pés e arandelas, e uns nós no meio : pesaram cinco onças, e dois tomis de oiro fino.

Um espelho de oiro e ambar, de que pesou o oiro um marco e meio, menos duas oitavas, e fora cinco taças de ambar e almiscar, que não entram no dito peso. Vinha avaliado em cento e quarenta e tres cruzados.

Um estojo de coiro coberto de oiro, esmaltado por partes de preto, lavrado de buril, e aberto de lima em partes. Tem dentro tesouras, canivete, e ponção, com cabos de oiro, de martello, um agulheiro para ter agulhas com sua tapadoira, mais um garfo, uma peça de limpar dentes, tudo de oiro, e outra peça também de oiro com outra de prata, que joga n'ella, de limpar dentes e orelhas. Pesou o dito estojo sete onças de oiro. Vinha avaliado em sessenta e sete cruzados.

Um relicario de raiz d'aljofar, dos tres Reis Magos, guarnecido de oiro, com uma chapa nas costas de obra romana, esmaltado ao redor de côres : pesou cincoenta e cinco tomis.

Um cachorrinho de raiz d'aljofar, com uma colleira de oiro pelo pescoço ; e pela barriga uma cintinha de oiro, com uma argolinha, que a ata : pesou uma oitava e meia, sem uma mão.

Um cadeado de oiro, pequeno, esmaltado de côres, que tem dez lagartixas pequenas : pesou tres oitavas e cinco tomis.

Uma naveta com seu mastro e gavea toda de oiro : pesou uma oitava, e cinco tomis.

Um jacinto encastado em oiro, com nove grãos d'aljofar no redor ; sem peso, avaliado em quatro cruzados.

Perolas.

Um fio de perolas enfiadas e encastadas em oiro, as quaes são cento e dez : pesaram juntamente com o oiro quatro onças, cinco oitavas e sessenta e seis grãos.

Novecentas perolas grossas, que pesaram com o fio um marco, tres oitavas, e dezoito grãos.

Novecentas e sessenta e seis perolas enfiadas, que pesaram um marco, uma onça, tres oitavas, e vinte e quatro grãos.

Mil e seiscentas e noventa e quatro perolas enfiadas, que pesaram um marco, tres onças, e cinco oitavas e meia.

Trezentas e vinte e quatro perolas miudas en-

fiadas, que pesaram duas onças, tres oitavas, e sessenta grãos.

Cento e cincoenta e uma perolas miudas enfiadas, que pesaram tres oitavas, e trinta grãos.

Cento e sessenta e cinco perolas desenfiadas, que pesaram uma onça, quatro oitavas, e dezoito grãos.

Cento e noventa e sete perolas, que pesaram duas onças, sete oitavas e seis grãos.

Gorgeiras.

Uma gorgeira branca, que tem dez gayas de cadanetas, e onze de aljofar grosso, e pelo cabeção duas carreiras de aljofar, e pela abertura e dianteira uma : pesou juntamente quatro onças, seis oitavas e meia.

Outra gorgeira de rede de oiro, com continhas azues muito miudas, cercada de fita laranjada, cheia de grãos d'aljofar barrocos, os quaes estão por ordem em doze carreiras, de que já mingam alguns : pesou tres onças, e seis oitavas e meia.

Outra gorgeira de cão, que tem doze gayas de oiro, de martello, de uma peça de molhos, e umas rosinhas ao redor do cabeção, e uma tira das ditas gayas : pesou seis onças, e quatro oitavas.

Outra gorgeira de cão, cheia de aljofar miudo, e de abanos de oiro, de chaparia ; pesou tres onças, e quatro oitavas e meia.

Mais vinte e quatro guarniçõesinhas de oiro, esmalte de côres, que servem em habito, e cada guarnição tem, a saber : charneira, fivela, biqueira, e um tachão : pesaram juntamente com seus tachões sessenta e um cruzados, e quinze grãos. Avaliadas em quarenta e dois mil oitocentos oitenta e cinco réis com o feitio.

Tapeçaria.

Primeiramente cinco pannos de armar, de raz de lã e seda, finos, da historia de Absalão, os quaes tem de comprido cada um dez covados, e de alto tem seis covados e meio : são d'estes signaes (*).

Oito pannos de armar da sorte e fineza dos cinco atraz, que tem de comprido cada um dez covados, e de alto tem seis e meio, os quaes são da historia de Meliazar, d'estes signaes (segue-se a descripção).

Tres pannos de armar de lã e seda, finos, da historia de Alexandre, dos quaes tem cada um vinte e sete covados, a saber : seis covados de comprido, e quatro e meio de alto, d'estes signaes....

Outros tres pannos de armar, finos, de lã e seda, da historia de Soeiro, cada um de sete covados de comprido, e quatro e meio d'alto, d'estes signaes...

(1) Segue-se a descripção dos objectos, que representam, que omittimos por ser longa.

Vinham avaliados estes tres pannos, a saber : os dois primeiros a oitocentos réis o covado, e o terceiro a setecentos réis.

Mais um panno de raz, de lã e seda, que tem uma rainha vestida de verde, assentada em uma cadeira com um bago na mão, o qual tem vinte covados, cinco de alto, e quatro de largo. Vinha avaliado a seiscentos réis o covado.

Outro panno de lã e seda, que tem uma rainha vestida de azul, no meio, e um vulto de um rei diante d'ella com uma carapuça verde, o qual panno tem trinta covados, a saber : cinco de alto, e seis de largo. Vinha avaliado a quinhentos e cinquenta réis o covado.

Outro panno da sobredita medida, que tem no meio uma rainha, e á parte esquerda uns orgãos : este vinha a seiscentos réis o covado.

Outro panno, que tem uma mulher com um livro de canto na mão, e outra diante d'ella com um alaude, o qual tem vinte cinco covados ; cinco de alto, e cinco de largo : este vinha a setecentos réis o covado.

Outro panno, que tem uma rainha assentada em uma cadeira, vestida de verde, com um sceptro na mão, á parte esquerda, e detraz d'ella dois homens com alabardas, o qual panno tem cinquenta covados ; dez de largo, e cinco de alto, desguarnecido : vinha a setecentos réis o covado.

Outro panno com uns reis velhos.... Tem de largo nove covados e meio, e de alto cinco e meio : este vinha ao mesmo preço.

Outro panno do mesmo teor.... o qual tem nove covados e duas terças de largo, e de alto cinco covados e meio : vinha ao mesmo preço de setecentos réis.

Outro panno, que tem á parte direita um tamboril com uma frauta, e á parte esquerda uma rainha vestida de verde, o qual é de vinte cinco covados, cinco de largo, e cinco de comprido: este vinha a seiscentos réis.

Outro panno, que tem á parte esquerda um homem vestido de azul com um cesto na mão, e um pichel na outra, e á parte direita uma mulher com um esguicho ao pé de um chafariz, o qual panno tem vinte cinco covados, cinco de alto, e cinco de largo: este vinha a quinhentos réis.

Guarda-portas.

Seis guarda-portas de raz, de figuras de lã e seda, finas, que tem doze covados cada uma, quatro d'alto, e tres de largo, d'estes signaes.... Este vem a oitocentos réis.

Duas outras guarda-portas dos proprios signaes e preço. (Mais sete guarda-portas, que vem descriptas com diversos signaes, e differentes medidas e preços).

Alcatifas.

Uma alcatifa grande de levante, pintada toda de rodas brancas e d'outras côres, e pelo cabo em duas ordens quartapisas de laços brancos ;

tem de comprido nove covados e meio, e de largo quatro.

Outra alcatifa grande de Castella.... tem de comprido nove covados e terça, e de largo quatro e meio.

Outra alcatifa grande de Castella.... tem de comprido nove covados e terça, e de largo tres e duas terças.

Outra alcatifa de levante, grande... tem de comprido oito covados e duas terças, e de largo tres.

Outra alcatifa de Castella mais pequena....

Outra alcatifa de levante, pequena, com rodas miudas de côres sobre verde e oiro, e a quartapisa branca sobre vermelho, e o perfil azul ; tem de comprido dois covados e quarta, e de largo um covado e terça.

Outra alcatifa assim pequena de levante....

Outra alcatifa assim pequena....

Outra alcatifa fina de levante....

Outra alcatifa de levante, fina.... (Mais cinco alcatifas pequenas, que se descrevem miudamente).

Mais seis bancaes de verdura, finos, a saber : tres d'elles com esferas nos meios, e os outros sem ellas, usados, guarnecidos de lona e argolas : tem de comprido cada um oito covados, e de largo dois.

Almofadas.

Seis almofadas de brocado de pello rico, de uma parte sómente, e da outra de velludo roxo carmesi, feição castelhana, com seus carros e botões de oiro de Florença, e todas do mesmo teor, e de retroz carmesi, com seus recheios de fustão cheiós de lã.

Quatro almofadas de brocado raso de ambas as faces, que tem o dito brocado dois covados cada uma, as quaes são guarnecidas de caires e botões de oiro e retroz azul, e borlas do dito retroz, com seus recheios de fustão cheios de lã.

Seis almofadas de velludo carmesi, feição castelhana, guarnecidas, a saber : borlas de retroz carmesi, botões e caires do mesmo retroz e oiro ; e tem cada uma dois covados e duas terças de velludo.

Dez almofadas de velludo roxo, da mesma feição, guarnecidas, seis d'ellas de retroz azul, borlas, caires, e botões do mesmo retroz e oiro ; e as quatro de retroz carmesi, e oiro : tem cada uma de velludo dois covados e duas terças.

Quatro almofadas de velludo preto, guarnecidas de caires, borlas, e botões de retroz preto, com seus recheios de fustão cheios de lã : tem cada uma dois covados e duas terças de velludo.

Doze almofadas de raz, forradas de coiro vermelho, guarnecidas de caires, borlas, e botões de barbilho, com seus recheios de fustão cheios de lã.

Continua

O fanatismo é sempre um vicio, ou elle seja religioso, ou politico.



SIMODA.

O COMMERCIO DE HONG-KONG.

Publicou-se um documento parlamentar relativamente ao commercio de Hong-Kong. Conhecê-se por elle, que Hong-Kong, em vez de soffrer com o estado de hostilidade em que está o celeste imperio, tem colhido grandes beneficios. De Cantão emigra-se para Hong-Kong, e esta toma maior importancia. A predisposição para o estabelecimento n'estas ilhas augmenta especialmente nos funcionarios, e a prosperidade geral recebe o concurso das melhores casas de commercio americano-britanicas estabelecidas na China, que tem feito de Hong-Kong o ponto central das suas operações.

O desinvolvimento da navegação a vapor; a rapida extensão das relações commerciaes entre a Australia e a California; o augmento do commercio nas costas chinas; e a segurança nos mares pela presença da bandeira britanica, são as principaes causas d'estes magnificos resultados.

A população que em 1818 era unicamente de vinte e tres mil novecentas e noventa e oito almas, em 1856 já subia a setenta e duas mil seiscentas e sete.

A falta de alfandegas não deixa computar as quantidades importadas e exportadas; mas a actividade que reina, e o progresso commercial são provas palpitantes.

OS ULTIMOS ANOS DO REINADO DE D. AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

IX.

Continuação.

Rui de Pina (chronica de D. Affonso v. cap. CLXXIX) afirma o mesmo pelas seguintes palavras: «E a opinião, ou mais certa verdadeira sentença dos sizudos e bons guerreiros, foi que se el-rei D. Affonso se soubera aproveitar da bonança n'este tempo e sobre este desfavor e quebra d'el-rei D. Fernando o perseguira, e por cerco ou batalha o apertara, que de necessidade d'esta vez o houvera fora de Castella, onde sem resistencia na maior parte ficara rei pacifico.»

Quem mais do que ninguem sentiu a affronta por que as armas hespanholas passaram foi a rainha Isabel. Partindo de Tordesilhas a Medina del Campo, reprehendeu os capitães e fidalgos que iam com o rei, por lhe darem tão mau conselho, e, accrescenta Damião de Goes, nem el-rei mesmo ficou sem sua reprehensão, da parte que lhe cabia.

Mas o soccorro de cinco mil cavallos que os fidalgos hespanhoes haviam promettido a Affonso v, não lhe pôde ser prestado, por acontecimentos faceis de prever mas seguramente pouco favoraveis á sua causa. O conde de Paredes, que se intitulara mestre de S. Thiago, entrou com bom numero de gente nas terras do mestre de

Calatrava e do conde de Urena sobrinhos do marquez de Vilhena, pelo que elles não puderam vir reunir-se ao exercito de Affonso v, empenhados como ficavam em sua propria defesa. Os moradores da villa de Vilhena, que era o solar do marquez, revoltaram-se a favor do rei, com a condição de ficarem aggregados á corôa de Castella, sem de futuro pertencer a outro qualquer senhor.

Debalde Affonso v lhe intimava que não faltassem em prestar-lhe o auxilio das cinco mil lanças com que eram obrigados a servir, em quanto andava em Castella: elles respondiam que a sua gente andava espalhada pelos logares, villas e castellos, e não podiam nem deviam abandonar á furia dos inimigos os seus indefesos vassallos.

Todavia, os reis catholicos, com a sua causa um pouco comprometida na opinião pelo levantamento do cerco de Toro, e estando em penuria financeira resolveram-se a abrir negociações com Affonso v, por meio do cardeal D. Pedro Gonzales de Mendoza. Eis como falla d'este acontecimento o autor da vida do cardeal: « Vista pelo cardeal a boa conjuntura, informado das coisas que se passavam entre o rei de Portugal e aquelles cavalleiros, pensou que seria tempo conveniente para fallar de alguma concordia: enviou ao protonotario Alonso Yañez seu capellão, secretamente a fallar com o rei de Portugal para o trazer a algum trato de paz, o qual, considerando que as coisas que via não lhe succediam por então como pensou no tempo da sua entrada em Castella, respondeu ao cardeal que aprazia vir ao partido de concordia se lhe deixassem as cidades de Toro e Samora que elle possuia, e lhe dessem o reino de Galliza para ajuntar ao seu reino, e tambem pedia grande somma de dinheiro para abandonar aquella empresa. A rainha, ouvida este pedido que o rei de Portugal exigia, respondeu que sem embargo de que el-rei seu marido e ella estavam postos em grande apuro como a todos era manifesto, porém fazendo todas as diligencias para que aquelles reinos fossem conservados e não diminuidos, punha tudo nas mãos de Deus para que dispozesse d'elles á sua vontade, mas que não consentiria que em seus dias se afastasse d'elles uma unica muralha para que fosse alienada a outro senhorio, nem mudal-o da maneira que o seu pae el-rei D. João o havia deixado, e a respeito do dinheiro que o rei de Portugal pedia, que lhe aprazia dar uma quantia de oiro, que fosse rasoavel, e mesmo consentiria que fosse excessiva, para remediar estes reinos e as guerras e trabalhos em que os haviam posto: a respeito de que se passaram por então algumas fallas e tratos, que não tiveram effeito, e assim o cardeal o deixou. » (*)

Damião de Goes é mais extenso, e parece ter

(*) Vida del Cardinal D. Pedro Gonzales de Mendoza por Francisco de Medina y de Mendoza.. — No Memorial Historico Espanol que publica la Real Academia de la Historia — Tomo vi. Madrid — 1853.

tido conhecimento dos documentos originaes. Affonso v, depois de ter tomado conselho com os fidalgos castelhanos e portuguezes, que com elle estavam, mostrando-se os primeiros contrarios a toda a conciliação, e os segundos inclinados a ver terminar uma guerra que os afastava dos seus lares, respondeu ao cardeal o seguinte: « que elle accitaria paz e amizade com os principes D. Fernando e D. Isabel pelo modo seguinte: que vista a aução que elle como esposo da rainha D. Joanna, filha d'el-rei D. Henrique tinha nos reinos de Castella, lhe soltassem livremente alguma parte do senhorio d'elles, e que este seria o reino de Galliza com todos seus termos e senhorios limitados e as cidades de Samora e Toro com todos seus castellos e termos para livremente ajuntar tudo á corôa de Portugal sem nenhuma clausula de tributo nem obrigação de serviço; e que além d'isto lhe haviam de pagar para ajuda das despesas que n'aquellas guerras tinha feitas, uma tal somma de dinheiro, qual fosse julgada e arbitrada por homens de boa e sã consciencia, e que haviam de perdoar geralmente a todos que contra elles foram n'aquellas guerras, e restituil-os em suas honras e dignidades, e tornar-lhes todos seus bens, assim proprios, como da corôa de Castella, que lhes confiscados e tomados fossem: do qual modo dadas de ambas as partes as seguranças necessarias, tornaria para Portugal. (1)

Fernando e os seus ministros, escreve mr. Prescott (2), segundo parece queriam accitar esta proposta: mas Isabel, accitando o pagar a quantia estipulada para pagamento, não quiz consentir na alienação de uma unica pollegada de territorio castelhano.

As hostilidades proseguiram pouco depois d'esta tentativa de accordo. Fernando o catholico, acampanhado de seu irmão bastardo o duque de Villa Hermosa, assim como do almirante, seu tio, e do condestavel de Castella, foi cercar o castello de Burgos que se tinha declarado por Affonso v, de que era capitão D. João Zuniga, sobrinho do duque de Arevalo.

Affonso v, é força confessar que não mostrou a energia e audacia que nas campanhas de Africa concederam um tão alto esplendor ao seu nome. O duque de Arevalo, instado por João de Zuniga, escreveu a Affonso v dizendo-lhe que se queria ser rei de Castella acudisse a este cerco, porque se os contrarios ganhassem o castello de Burgos, soubesse de certo que a mór parte dos castelhanos penderiam á banda de el-rei D. Fernando, o que acontecendo bem podia cuidar as difficuldades que se haviam de oppor a todos os seus negocios.

El-rei partiu de Toro para Arevalo, aonde se lhe reuniram o marquez de Vilhena e o arcebispo de Toledo, eahi, demorando-se mais tem-

(1) Chronica do principe D. Joam por Damião de Goes — Cap. LVIII.

(2) Hystory of the Reign of Ferdinand and Isabella By. William H. Prescott. Vol. 1. Chapter v.

po do que devia, e introduzindo-se a doença no seu exercito, morreu-lhe muita gente. A rainha Isabel, incansavel e activa, reuniu todas as forças de que podia dispor, e dividindo-as em tres capitancias, resolveu embaraçar a marcha de Affonso v, para que os seus tivessem tempo de se apoderar do castello de Burgos.

O conde de Cifuentes, capitão de uma das companhias, encontrou-se com os portuguezes, perto da villa de Arevalo, mas foi repellido com bastante perda, acolhendo-se a Olmedo. Affonso v entrou em Penafiel, e caminhando em direcção de Burgos, teve de combater a villa de Baltañas, defendida pelo conde de Benavente, que commandava trezentas lanças, e era um dos mais intrepidos homens de guerra, que a Hespanha possuia.

O combate durou desde a manhã até ao cerrar da noite. (1) Duas vezes foram os portuguezes lançados fora da villa, tendo morrido no primeiro ataque D. Alvaro Coutinho, filho mais velho do marechal D. Fernando, e ficando ferido no segundo, por parte dos inimigos, o proprio conda de Benavente. No terceiro ataque entrou D. Affonso v em pessoa, e o conde de Benavente arvorou no muro uma bandeira de paz, pondo-se á mercê do rei: o *Chronicon de Valladolid* afirma que o combate durara sete horas, e que tendo os portuguezes trezentos cavallos, e duzentos peões, a sua perda em mortos e feridos fôra de setenta homens. (2)

Affonso v, tendo noticia de que a cidade de Samora se queria entregar aos reis catholicos, partiu de Penafiel para Arevalo, e d'esta ultima cidade mandou uma força, commandada pelo conde de Penamacor e Ruy de Mello, para se apoderar da villa de Cantalapedra, que effectivamente se entregou sem fazer resistencia.

Este foi o ultimo successo prospero que teve durante todo o decurso da guerra contra Castella. O castello de Burgos, que elle deixou sem socorro, em breve se entregava aos seus adversarios, e os portuguezes que formavam a melhor parte do seu exercito, almejavam pela paz, e eram os primeiros a dissuadit-o de qualquer commettimento.

Apertado pelas circumstancias, Affonso v mandou vir do reino seu filho D. João, para reforçar o seu exercito disimado pelas doenças, e pelas deserções. O vencedor de Alcacer, Tanger e Arzilla ia experimentar a verdade do aphorismo,

(1) Assim declara Hernando del Pulgar—*duró el combate desde la mañana hasta hora de visperas y que cayeron muertos é fueron heridos muchos de los unos é de los otros.*

Palencia dá este combate como acontecido no dia 18 de Setembro, porque diz que saindo el-rei de Portugal pela noite no dia 17 de Setembro chegara ao amanhecer á vista de Baltanas.

(2) *Chronicon de Valladolid*—na Colecion de Documentos Ineditos para la Historia de Espana por D. Miguel Salva y D. Pedro Sainz de Baranda—Tomo XIII—1848.

que Machiavelio escreve no livro do Principe: «E pero sempre (la fortuna) como donna è amica de giovani, perche sono meno rispettivi, più feroci, e con più audacia la comandano.

LOPES DE MENDONÇA.

Continua.

EXPEDIÇÃO DE VASCO DA GAMA.

Continuação.

Saidos do templo, entraram n'outro ainda mais sumptuoso, e depois marcharam em procissão para o palacio real, entre infinda multidão de povo, que por tal forma os apertava, que os nobres se viram obrigados a fazer praça com as espadas desembainhadas. Foram recebidos á porta do palacio por outros nobres, que os conduziram á sala da audiencia, onde um homem já edoso veiu ao seu encontro, revestido de sedas que lhe caiam dos hombros até aos pés. Este venerando personagem era o chefe dos brahmines; abraçou o Gama com visiveis provas de amizade, e levou-o para outro salão mais espaçoso, onde havia muitos assentos, uns mais altos do que outros, em forma de amphitheatro. O chão estava alcatifado de ricos tapetes, e as paredes forradas de tapeçarias de seda entrelaçada com oiro. O rei, reclinado n'um rico sophá, vestido de seda com colchetes de oiro, a cabeça adornada com uma especie de mitra enfeitada com joias, os dedos resplandecentes de pedraria, era de affavel e magestoso aspecto.

Gama apresentou-lhe suas homenagens á moda de Portugal; foi recebido prasenteiramente, e sentado ao pé do rei. Tambem fizeram sentar os que tinham ido com elle, e serviram-lhes uma collação, depois da qual o çamorim mostrou desejos de ser instruido do assumpto da embaixada. O almirante respondeu que os usos do seu paiz não lhe permittiam communicar as instrucções em assemblea publica; pelo que o rei determinou que o conduzissem a outro quarto, onde depois foi com o chefe dos brahmines, e alguns principaes da sua nobreza. Então Gama disse que el-rei de Portugal D. Manuel, monarcha de grandes meritos, e de espirito emprehendedor, sciente da reputação da India, e especialmente do reino de Calicut, desejava ardentemente ligar amizade com um monarcha tão afamado; e para isso enviara a elle Gama aquelle paiz: não duvidava que esta alliança havia de servir de muito em reciproca vantagem de ambos os principes; e que para confirmar o que expunha na primeira audiencia apresentaria ao rei suas cartas. O çamorim respondeu em poucas palavras, dizendo ser-lhe mui agradavel esta alliança; e ordenou ao catual conduzisse o almirante a um quarto que lhe estava destinado, ao mesmo tempo que outros se encarregavam de prover ao alojamento dos do seu sequito.

Calicut, situada na costa do Malabar, era

então o lugar mais commerciante de toda a Índia: os mercadores ali concorriam, não só para os productos do paiz, como estranhos. Aquelle povo era supersticiosamente pagão; tinha grande numero de templos, e muita confiança nos seus sacerdotes ou brahmines, quer nos negocios espirituaes, quer nos temporaes. O rei era instruido nos mysterios da religião pelos seus doutores, pessoas tão reverenciadas, que mesmo nos tempos de guerra tinham livre communicação com os partidos inimigos, julgando-se impiedade fazer-lhes a tal respeito alguma força. Estudavam mathematica, e philosophia; e eram grandes observadores de prodigios e presagios.

Por não ser então consideravel o numero de habitantes de Calicut; as casas eram distantes umas das outras, e cercadas de jardins. De mesquinha apparencia, formavam contraste com o palacio, unico edificio de pedra n'uma praça magnifica. O terreno é fertil e abundante não só das coisas necessarias á vida, mas tambem das que a tornam agradável.

Gama, depois de tres dias de descanso, teve segunda audiéncia do çamorim; e n'essa lhe entregou as cartas e presentes, que levava d'el-rei D. Manuel. As cartas foram recebidas com grande consideração; porém vendo o almirante que o rei olhava com menospreso para os presentes, disse-lhe que se não devia admirar d'elles não serem bem ajustados á sua dignidade, porque D. Manuel não podia prever o exito da viagem, e tambem porque mais valioso lhe não podia trazer que o da amizade de seu amo, que desejava estabelecer commercio de que Calicut recolheria grandes vantagens. Depois de Monzaïda ter explicado as cartas, Gama pediu ao principe que não communicasse o seu conteudo aos arabes, porque soubera dos moiros que elles eram inimigos declarados. O çamorim o despediu, advertindo-o amigavelmente que se acautelasse d'esta perfida nação. Tal aviso não era inutil, nem fora de tempo. Estes mercadores, por odio ao nome christão, e pelo receio de verem os portuguezes compartilharem o seu commercio, diminuindo-lhes assim os lucros, empregaram a possivel traça para nos tornar odiosos e suspeitos. Depois de abalarem o espirito do ministro, romperam-no com presentes, e representaram Gama qual sanguinario pirata, que commettera grandes ultrajes por todos os logares em que passara no decurso de sua viagem, e que viera a Calicut para executar projectos de hostilidade, os quaes occultava sob a apparencia de um vão tratado. Tendo elles posto assim o catual pelo seu partido, o ministro enganou o principe com falsas insinuações, prejudiciaes a nós, e obteve finalmente uma audiéncia para os arabes. Foram em corporação a palacio, e tomando um a palavra, n'uma artificiosa arenga, lhe disse que os portuguezes era uma nação cruele perfida, guiada pela avareza e ambição; que sem a menor provocação tinhamos saqueado toda a costa d'África, assenhoreando-nos da maior parte da Ethio-

pia; que Gama dando de improviso sobre Moçambique, fizera em Mombaça grande carnificina, se apoderara de muitos navios, como verdadeiro pirata; que o carregamento das nossas naus era de pequeno valor; e que os nossos presentes mais significavam desprezo, do que consideração por parte de quem os enviava; que o interesse do monarcha não o podia induzir á preferéncia de miseraveis estranhos, de costumes bem suspeitos, aos seus velhos amigos, os arabes, que tamanhas provas de fidelidade lhe tinham dado, e cujo commercio era a fonte dos seus melhores rendimentos. Finalmente, que se a despeito de suas representações, elle çamorim estava resolvido a animar os intentos dos portuguezes, elles arabes se decidiam a retirar-se immediatamente para outros paizes onde se estabeleceriam com mór vantagem.

Esta declaração, sustentada pelas calumnias e conselhos do catual, impressionou o espirito do çamorim, de seu natural inconstante e irresoluto. Instruido o Gama de que se machinava contra a sua vida, resolveu-se a voltar o mais depressa possivel para bordo. N'estes intentos saiu um dia ao amanhecer do seu alojamento; mas foi encontrado pelo catual, que, sempre com a mascara da amizade, lhe disse que para obter do rei o deferimento ao seu pedido, era conveniente que voltasse a justificar-se de algumas imputações sobre o fim da viagem, e que ao mesmo tempo fizesse aproximar da praia as suas naus, e entregasse como penhor de fidelidade as velas e lemes. Gama respondeu com muita coragem e presença de espirito, que primeiro perderia a vida do que obrar por semelhante modo indigno do seu character; e immediatamente escreveu a seu irmão, repetindo-lhe a ordem de voltar para Portugal, se fosse preso. Dois dias se passaram entre infructuosas altercações. Concordeu-se por fim que se desembarcassem as mercadorias portuguezas, com alguns homens, aos quaes se commetteria a guarda dos armazens, e permittiu-se então a Gama regressar a bordo. Immediatamente escreveu o almirante ao çamorim, queixando-se do comportamento do catual; e o principe prometeu examinar, e castigal-o se o achasse culpado. No entanto aconselhou a Gama que mandasse as suas mercadorias a Calicut, onde com mór vantagem se venderiam; e por este conselho foram ellas transportadas para a cidade a expensas do rei. Aproximaram-se os navios mais á praia, e muitos dos nossos tiveram licença de ir a terra, para reconhecer o paiz, e fazer observações sobre o character e genio dos habitantes. Gama empregou todos os meios para sustentar a paz e amizade; e n'outra carta que escreveu ao çamorim lhe propoz deixar em Calicut uma pessoa encarregada dos negocios de el-rei de Portugal. Esta proposta assustou os indios, que responderam insolentemente; e por isso resolveu-se o almirante a romper toda a correspondéncia com um principe tão volúvel.

Continua.

F. D. D'A. E ARAÚJO